



A REVOLUÇÃO SERIA AMANHÃ, MAS ELAS NÃO IRIAM ESPERAR

THE REVOLUTION WOULD BE TOMORROW, BUT THEY WOULD NOT WAIT

Renata Cavazzana da Silva*

Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC

<https://orcid.org/0000-0001-9142-1190>
renata.cavazzana@gmail.com

Mulheres de luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1958) é uma coletânea de artigos que conta histórias de mulheres organizadas que, “aprendendo a ser feminista”, como diz Rosalina Santa Cruz Leite, contribuíram para a construção do feminismo contemporâneo no país, dos anos de chumbo à redemocratização. O fio condutor é o feminismo enquanto um importante conflito social, entendido tanto como uma crítica sociocultural das hierarquias de gênero, quanto como um movimento organizado, marcado pela pluralidade de pautas e alianças.

A partir dessa perspectiva, os artigos tratam da convergência e da divergência de diferentes experiências de militância de mulheres em grupos guerrilheiros, sindicatos, partidos, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e comunidades de exilados, além da formação de redes de solidariedade e de espaços feministas, como as reuniões intimistas dos grupos de reflexão, os jornais feministas alternativos vendidos de mão em mão, e os encontros e congressos feministas, nacionais, internacionais e regionais. Escrito em um

* Mestranda em História Global pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Integrante do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC) e do Laboratório de Gênero, Etnicidade e Diversidades, da Universidade Federal de Catalão (LaGED/UFCat).

contexto global de conservadorismo e fundamentalismo religioso que se aprofunda, o livro vem ao encontro de inquietações cada vez maiores em relação aos direitos das mulheres.

A obra é a expressão de um trabalho coletivo, interdisciplinar e interinstitucional, desenvolvido ao longo do projeto homônimo¹ coordenado por uma das organizadoras do livro, a professora e pesquisadora feminista Cristina Scheibe Wolff, do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 2021, a historiadora organizou a publicação de novo livro, intitulado “*Política das emoções e do gênero no Cone Sul*”² e foi homenageada pelo Prêmio Mulheres na Ciência, promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq/UFSC).

A trajetória de Cristina Scheibe Wolff é ligada ao Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH), onde tem realizado pesquisas sobre a atuação das mulheres na resistência contra as ditaduras no Cone Sul desde 2004, juntamente com outras pesquisadoras do campo da História das Mulheres e de Gênero, como a também organizadora da obra e professora de história Soraia Carolina de Mello (UFSC), cuja pesquisa enfoca o trabalho doméstico e a domesticidade. O laboratório conta ainda com pesquisadores de outras áreas, a exemplo de Jair Zandoná, doutor em Literatura e pesquisador associado do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC), que contribuiu igualmente para a organização do livro.

Como analisam Binah Ire e Janine Gomes da Silva, o projeto foi baseado sobre um rico acervo de fontes orais e impressas, construído por integrantes do laboratório que têm coletado entrevistas e publicações feministas (como jornais e boletins) durante pesquisas anteriores, em um esforço de construir um acervo acadêmico feminista – prática metodológica e política que têm se consolidado no campo da pesquisa histórica. Dessa

¹ O projeto foi realizado entre 2015 e 2019, com a participação de pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC), do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), além da colaboração de alunas e professoras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), da University of Nottingham (Inglaterra) e da Université Rennes 2 (França). O trabalho contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes), através do Edital 12/2015 do Programa “Memórias Brasileiras – Conflitos Sociais” e, além do livro, produziu um webdocumentário, disponível no sítio do Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC, www.legh.cfh.ufsc.br e no canal do YouTube <https://www.youtube.com/c/GêneroeHistória>. O livro também está disponível gratuitamente em formato e-book nas plataformas digitais.

² O projeto foi desenvolvido entre 2016 e 2021, com o apoio do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CNPq), viabilizado pelo Edital Universal 2016. Além do livro, um material audiovisual foi produzido como recurso didático. Para cada capítulo, há um vídeo correspondente. As produções audiovisuais estão disponíveis gratuitamente no canal do YouTube do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC).

forma, o livro pode ser considerado como fruto de mais de uma década de pesquisa coletiva, apresentada em outras publicações também organizadas por Wolff, com Joana Maria Pedro, como “*Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*” (2010) e “*Resistências, Gêneros e Feminismos contra as ditaduras do Cone Sul*” (2011), com Ana Maria Veiga, além de “*Histórias de Gênero*” (2017), por Cintia Lima Crescêncio, Janine Gomes da Silva e Lídia Schneider Bristot³.

A leitura do livro “*Mulheres de luta...*” nos mostra como a produção científica pode ser beneficiada pelo trabalho coletivo e pelo compartilhamento de fontes que, analisadas a partir de diferentes perspectivas, apontam caminhos para alargar os horizontes da história dos feminismos e da ditadura no Brasil. Os capítulos se complementam e interconectam e, embora possam ser lidos individualmente sem prejuízo algum, a coerência da coletânea oferece uma experiência de leitura extremamente rendosa e que não é, de forma alguma, linear ou exaustiva.

Refletindo a obstinada presença das mulheres nas muitas frentes de luta contra a ditadura, bem como a intensa circulação de ideias feministas no período, que promoveu a formação de grupos de mulheres em torno de discussões feministas, as histórias são apresentadas de modo intrincado ao longo do livro. A abordagem adotada enriquece a compreensão da história dos feminismos, superando a rígida divisão pressuposta nas categorias de “movimentos de mulheres” e de “movimentos feministas”. Entretanto, isso não significa o apagamento de disputas, como o tensionamento de pautas “gerais” e “específicas” ou “verdadeiramente feministas”.

Com frequência, o feminismo foi retratado como um movimento pequeno-burguês importado da Europa e dos Estados Unidos e, embora a bagagem de mulheres brasileiras que viveram no exterior tenha contribuído para a formação do feminismo no país, como expõe Eloisa Rosalen, em “*Mulheres brasileiras no exílio francês: conflitos, rupturas e transformações das suas militâncias*”, o movimento tem suas bases na luta contra a ditadura e nos movimentos populares, como apontam Luísa Dornelles Briggmann e Cristina Scheibe Wolff no capítulo “*Mulheres militantes de esquerda na ditadura brasileira*”, e Cintia Lima Crescêncio e Erica Dantas Brasil, em “*Uma história do feminismo no Brasil por meio do humor gráfico (1976-1984)*”.

Apesar disso, militantes de organizações e grupos de esquerda reagiram à mobilização das mulheres com estranheza e hostilidade, caracterizando o feminismo como

³ Todas as publicações do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC) estão disponíveis gratuitamente em formato digital no link: <http://www.legh.cfhh.ufsc.br/publicacoes/>

um movimento divisionista e separatista que enfraqueceria a “grande luta” – isto é, a luta de classes e contra a ditadura. Ademais, como aponta Ana Maria Colling, em entrevista analisada no texto de Alina Nunes e Cristina Wolf, os companheiros de militância argumentavam que “[...] porque a revolução seria amanhã, daí tudo seria resolvido, então por que tu vais puxar a luta feminista?” (2019, p. 242). Porém, as mulheres não esperaram.

Nesse sentido, o livro contribui para o debate ainda muito atual sobre a chamada “política identitária”, criticada por progressistas que consideram os movimentos feministas alheios à luta de classes e uma fratura no corpo político. Como analisa Djamilia Ribeiro (2019), o problema colocado por teóricos de esquerda não é apenas sobre o processo de como realizaremos a revolução, mas também sobre aquilo pelo que lutamos. A resistência dos homens à luta feminista esconde seu medo de abrir mão de seus benefícios, pois “eles não têm certeza sobre o que vai acontecer com o mundo que eles já conhecem tão bem, se o patriarcado mudar” (HOOKS, 2018, p. 12).

Explorando as divergências na formação de uma agenda feminista, os capítulos “*Uma visão holística da democracia: a atuação política de mulheres negras no Brasil (1960-1980)*”, de Gleidiane de Sousa Ferreira e Tauana Gomes Silva, e “*Mulheres indígenas, mulheres de luta: terra, educação e resistência*”, de Juliana Salles Machado, Isabele Soares Parente, Jozileia Daniza Jacobsen e Marcelo Gonzalez Fagundes, desdobram os conflitos das relações de gênero, raça, etnia e classe, enfrentados por mulheres que, ocupando os entrelugares dos movimentos negro, indígena e feminista, ampliaram os sentidos do feminismo.

É válido pontuar a timidez ou a ausência de discussões étnico-raciais nos demais capítulos, especialmente em relação àqueles que deixam escapar possibilidades de reflexões potentes sobre a branquitude nos movimentos feministas. Ainda assim, o livro abre janelas para dar novos ares à historiografia da ditadura militar brasileira, convidando para o vislumbre de outros sujeitos e outros lugares de resistência até então ignorados. Por outro lado, é proveitoso para conhecer as histórias dos feminismos contemporâneos no país, trazendo para a discussão bibliografias feministas e uma visão renovada do feminismo, demonstrando que, como destaca bell hooks, “feministas são formadas, não nascem feministas” (2018, p. 23).

Da mesma forma, a ação e o pensamento feminista se constroem e transformam-se, realizando autocríticas a partir de novas perspectivas e de um constante esforço de teorização. Os desdobramentos desse processo no campo acadêmico, tema tangenciado apenas por alguns capítulos, carece de uma discussão mais aprofundada no livro, posto que

é marcante a atuação das mulheres na produção de pesquisas científicas em diálogo com os movimentos feministas no período abordado.

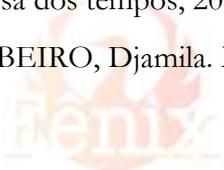
A despeito do antifeminismo, a persistência e as conquistas coletivas das mulheres que protagonizaram essas histórias são um importante legado para os feminismos, que hoje desenvolvem outras estratégias, potencializadas pela internet. As redes sociais, blogs, vídeos, podcasts e até mesmo encontros e marchas virtuais, têm sido ferramentas centrais para a organização e a mobilização feminista, sobretudo nesse momento em que não é possível nos encontrarmos pessoalmente. Porém, “Que delas nos fique a esperança, a força e memória, sempre vivas” (NUNES; WOLFF, 2019, p. 321).

REFERÊNCIAS

DE MELLO, Soraia Carolina; ZANDONÁ, Jair; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). **Mulheres de luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. Editora Appris, 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 11/04/2022
PARECER DADO EM: 21/06/2022